

Conferência

VICENTE BELTRÁN ANGLADA



Diálogos Esotéricos

A Voz do Silêncio

Conferência em Barcelona

20 de dezembro de 1984

A VERDADE HÁ DE SE APRESENTAR DE TAL MANEIRA QUE CONVENÇA SEM PRENDER E QUE ATRAIA, MESMO SEM CONVENCER. ISTO SÓ PODE SER REALIZADO PELA LINGUAGEM DO CORAÇÃO.

A Voz do Silêncio

Barcelona, 20 de dezembro de 1984

Vicente. – Como disse na semana passada, o silêncio é o precursor da palavra. Não se pode arguir nem tirar conclusões acerca do silêncio. O silêncio é uma experiência das mais transcendentais, esotericamente falando. É o grande problema do homem, conseguir silenciar suas atitudes mentais, emocionais e físicas. Quando permanecemos calados não significa que estamos em silêncio, simplesmente não emitimos palavras. Estamos constantemente tagarelando sobre os pensamentos e as emoções, estamos sempre dando voltas em torno do *eu*, deste *eu* que procura viver, crescer e se manifestar através do ruído, das palavras. Não se deve arguir demasiado acerca das palavras. Quando elas apresentam um sentido que deriva das fontes místicas do próprio silêncio, são todas criadoras. As palavras que surgem ao impulso do eu que se debate prisioneiro dentro do seu próprio círculo intransponível constituem, de acordo com a lei do discipulado, o grande problema do discípulo. O discípulo deve passar sete anos sem pronunciar palavra alguma, mesmo que tenha muitas ideias para expor. Deve reter as palavras, como o iogue que chega ao estado de Samadhi e retém o alento. Trata-se simplesmente de focar todo o assunto, que é realmente o Verbo ou a palavra santa, empreendendo a busca do silêncio, pois o silêncio participa da glória criadora da própria Divindade. Assim, antes de falar com propriedade, tem que aprender a calar. Esta é a máxima pitagórica, a máxima socrática, a máxima de Plotino a seus discípulos, de Ammonio Saccas, o neoplatônico, e de todos os grandes homens. Os Mestres permanecem mais tempo silenciosos do que falando. Quando empreendem uma atitude, é aquela atitude em forma de verbo de uma maneira mágica, porque surge do fundo criador que é a essência mística do ser. Não se ataca a pessoa que fala, a pessoa que tem o que dizer, mas sim a falta de santidade das palavras, a falta de criatividade, porque se não houver esta criatividade – e agora tem que haver, porque os tempos são difíceis – no coração de cada um de nós, o ruído nos embargará, nos conduzirá atados de pés e mãos, sendo meros autômatos desta força ambiental que está procurando se apoderar da nossa vontade, e situar-nos abaixo das nossas próprias possibilidades mentais e espirituais. Falando em termos ashramicos, tenho que dizer que a música, que é a precursora, ou que surge do silêncio, e que é precursora dos grandes alentos espirituais, se deformou, se envileceu, perdeu sua santidade inata, surgindo de fontes dévicas do plano búdico, e chegou ao plano físico como um ruído, não como música. Pois bem, a palavra é música. Sabem como o Mestre define a música? Como um silêncio entre duas notas! E quanto mais prolongado for o espaço entre duas notas, melhor se compreende e será mais criadora esta música, chegará melhor aos nossos corações. Isto é a base substancial do que tento dizer constantemente. A *serena expectativa*, à qual faço referência, não é mais que uma atenção profunda para este silêncio místico, procurando escutar esta voz interna que é o silêncio, que é o precursor do Verbo, o precursor da palavra, o precursor da própria criação, pois não podemos criar se não surgir a palavra ou o Verbo do fundo místico deste silêncio a que nos referimos. Estamos procurando constantemente unir nossos corações, unir nossas vontades, e me pergunto: como podemos fazer isto, se cada um fala da sua própria maneira? As palavras separam. Cada qual tem sua própria forma de expressão, sua própria palavra, seus próprios

conceitos, suas próprias opiniões, e o discípulo que está em um ashram deve aprender antes de tudo silenciar tão completamente a si mesmo, que toda a bagagem de seus pensamentos, emoções e palavras devem ser lançada ao fundo místico desta glória imperecível de Deus, para que seja ali purificada no silêncio de Deus. Esta é uma máxima esotérica do ashram. Tudo o mais não tem tanta importância como nós imaginamos. O silêncio continuado nos prepara para a palavra, para poder falar, para poder discernir em profundidade, para não sermos escravos do que lemos. O que lemos, o que estamos aprendendo, o que já adquirimos e o que vamos adquirir se convertem em uma bagagem inútil se não tivermos um silêncio que situe cada uma destas coisas em seu próprio contexto, do contexto que lhe pertence, dentro de sua própria nota, esta música infinita que vem do Cosmo.

Bem, isto é o que queria dizer. Se isto pode causar polêmica no grupo, é porque não se compreende a efetividade, a profundidade de um comentário ashramico, e que não se ama profundamente o silêncio como um discípulo deve amar, porque o discípulo se prepara para falar, para expor as verdades reveladas por seu Mestre ao mundo. E se não tem facilidade de entrar em si mesmo, de entrar no silêncio, não poderá falar na presença dos Mestres nem dos homens sábios, terá que falar para o vulgo. O discípulo não deve falar ao vulgo, deve falar para as pessoas sensatas, e estas é que devem falar ao vulgo. Há uma distinção, há uma hierarquia nas funções ashramicas: os que sabem calar e os que sabem falar. Quando sabem falar transmitem o silêncio, então é um verbo. Há criatividade, a palavra é tão impregnada de silêncio que, seja qual for o objetivo da palavra, aqueles que a escutam entram em silêncio. A palavra é santa se o silêncio for adquirido. Isto é o Verbo que os grandes Logos utilizam. Nós apenas tratamos de aplicar o que os Logos fazem em Seus sistemas estelares: pronunciar a palavra santa, criar este grande vazio criador, que não pode ser criado se o Logos não tiver um silêncio profundo dentro de Si, que possibilite que Ele seja o criador do Seu próprio destino universal. Isto não vai contra ninguém nem contra nada, é uma apelação, um desafio à atenção de todos e de cada um de vocês, porque é um constante desafio para mim. Eu aplico a lei como o Mestre a aplica no Ashram, como o Logos a aplica em Seu Esquema, e o Logos Solar em Seu Sistema. Portanto, me parece que a coisa é clara, determinante. Vocês devem decidir se preferem a palavra ou o silêncio; se preferem ficar tagarelando constantemente, buscando situações verbais simplesmente, ou fazendo com que deste fundo de silêncio que estão criando surja a palavra espontânea, como surge o OM, por exemplo. O OM é uma palavra que tem apenas um significado e uma relação constante com os fatos mágicos na vida da natureza, se estiver impregnado de um fundo místico de silêncio. Quase se pode dizer que não se deve pronunciar o OM, mas o OM nos encontra tão vazios dos nossos próprios comentários, que não será uma atividade própria da personalidade, será uma coisa da Alma. Eu sempre lhes falo das coisas da Alma. Sou como vocês, estou buscando o mesmo que vocês. Talvez eu tenha mais experiência, não pela idade, mas pela evolução interna, e isto deve ser considerado atentamente, porque a hierarquia existe em todos os planos. Esta hierarquia não se impõe, tem que surgir como a água do arroio. Da rocha mais profunda pode sair a água. Assim como uma coisa tão insignificante como a água pode furar uma rocha, gotas e mais gotas de silêncio dentro de cada um de nós pode nos proporcionar a oportunidade de extrair o grande bloco de palavras que existem nos mundos internos, que são aquelas palavras que as pessoas

precisam ouvir em cada momento, em cada situação. E como podemos saber o alcance de uma situação, da necessidade de uma pessoa, se não estabelecermos um silêncio prévio? Um silêncio que é como um espelho que reflete aquilo que é o nosso irmão, aquilo que é uma situação, aquilo que é um ambiente, a fim de poder ajudar com eficácia, empregar a palavra e o sorriso justo no momento oportuno, porque a oportunidade é a verdadeira sabedoria que só pode nascer do silêncio.

Tenham em conta, além disso, que para aplicar a magia verdadeira, para converter-nos em verdadeiros magos brancos, a energia contida nas palavras e nos pensamentos, quando é guardada por uma entidade interna que somos nós, com todo o zelo, com toda a atenção que merece, vê-se que esta magia somos nós expressos externamente, quando dentro o depósito está vazio e, então, produz-se aquele fato milagroso de que nós não vamos aos outros, mas são eles que nos procuram, porque veem em nós um exemplo da sabedoria. Não é simplesmente uma exibição do conhecimento, esotérico ou não, isto não importa. É como aquele adágio antigo dos Upanishads: *“A ti virão os cântaros vazios, porque tu tens a água da vida que deve encher os cântaros”*. Porém, como paradoxo, para que o cântaro dos demais seja enchido, nós devemos estar tão vazios de nós mesmos que somente corra dentro de nós a própria glória da Divindade, aquela força interior que remove montanhas. Sem a compreensão do silêncio, a expectativa é inexplicável. Se não nos refugiarmos constantemente no silêncio, não poderemos falar com propriedade, falaremos por imaginação ou pelas memórias acumuladas pelo conhecimento. No entanto, por trás do cenário não haverá nada, não haverá um poder criador que faça chegar estas palavras ao coração das pessoas. É ao coração das pessoas que devemos falar, porque é lá que está a joia no loto, a qual é silêncio místico indescritível e, ao mesmo tempo, inapelável, porque é a força do Verbo. Quando surge o Verbo pela garganta é porque foi maturado o silêncio do coração. A Hierarquia está agora, por meio de todos os Seus ashrams, procurando chegar ao coração dos aspirantes espirituais para convertê-los em discípulos. Os discípulos estão sendo trabalhados internamente em um silêncio especial do 1º Raio através da atenção, para que se convertam em iniciados. Vocês têm este desafio pela frente, é um desafio da consciência. Eu sempre disse *que só o que é preciso fazer, para enfrentar o desafio da Nova Era, é a Serena Expectação*: a serenidade, porque surge do silêncio; e a expectativa, porque atrai do Universo o que é justo, necessário e oportuno. Este é o propósito do discipulado para esta Nova Era. Talvez o Mestre Tibetano não tenha falado sobre estas coisas, mas Sua obra remonta a quase cem anos, e os tempos estão mudando. Antigamente se acreditava que o trabalho do discípulo era disciplina, a disciplina férrea para dominar, para controlar seus veículos. Atualmente o discípulo está sendo preparado para trabalhar de forma grupal e em nome do Mestre. Já não pede, mas expõe, se entrega, dá. Já não espera a oferenda dos deuses, mas ele mesmo se converte em um deus, e assim realiza a oferenda como aprendeu com o Mestre.

Pois bem! Dito isto, que mais se pode dizer? Estamos procurando constantemente encontrar a paz no coração, estamos tentando chegar ao coração dos demais, o que não se consegue com palavras, mas com aquele sentimento de fraternidade que nos falta também. De todo modo, se estiverem aprendendo a ser bons discípulos para ingressar em um ashram e para penetrar conscientemente no santuário do Mestre,

devem ter em conta o que estou dizendo, não porque sou eu quem está dizendo, mas porque é a lei. Esta é a regra esotérica mais profunda desde sempre. Quando Madame Blavatsky fala da *Voz do Silêncio*, quando em *Luz no Caminho* se fala também que somente quando se chega ao centro do coração se pode falar na presença dos Mestres, isso significa que o que sair de nós será puro e radiante, e que, portanto, chegará ao seu destino com plenitude e com toda serenidade e segurança. A pessoa é preparada ou foi preparada de maneira que para estabelecer contato com os demais precisa da palavra. Só procuro dizer que esta palavra com o tempo deve ser redimida de todo conceito pessoal, de querer aparentar isso ou aquilo e não buscar resultados espetaculares, porque os últimos serão os primeiros como sabemos, e a humildade, que é irmã do silêncio, é que procura com o tempo aquela segurança infinita que o próprio conhecimento, que gradualmente vai se convertendo em sabedoria, porque deixa de fluir como uma emanção mental produzida pelos contextos ambientais ou pelo que vamos estudando, e passa a surgir da própria sabedoria do coração, daquele grande mistério dos mistérios que todos nós temos.

A partir daqui o comentário quase se torna inútil, pois quando um noviço ingressa no ashram se exige dele sete anos de silêncio. Isto é muito difícil, porque estamos constantemente falando, seja através do pensamento, das emoções ou das palavras. Não é fácil permanecermos silenciosos, Quando estamos em silêncio automaticamente surge aquele imperativo desejo de companhia, que pode ser a distração, o contato com o grupo, a palavra, ou a relação, sem ter em conta que no silêncio há a relação cósmica que está além da simples relação humana. Entretanto, devemos buscar o silêncio através do tempo para conquistarmos o coração dos demais. Sem isto um grupo esotérico não pode persistir.

Perguntaram porque tantas vezes disse, aqui e em outros contextos, que a iniciação é um dever social, que o discipulado é necessário para esta iniciação e que estamos faltando com o nosso dever quando evitamos a iniciação. As palavras que nos foram transmitidas pelos sábios de todos os tempos não foram vãs, mas sim uma realidade atual que está ao nosso alcance, bastando que enfoquemos a atenção para dentro e não para fora, que tenhamos expansões para fora, como temos constantemente. É muito natural. Verão então que há plenitude, porque tudo o que fizerem será impregnado de uma alegria natural, que vem do próprio silêncio, da própria fé inquebrantável, do coração. Creio que isto não necessita ulterior discussão, e não vou fazê-lo, pois estamos entre pessoas que fazem parte de um grupo esotérico ou que já têm contato com um Mestre. Em um grupo assim costuma ocorrer uma conversação ruidosa constante na qual o coração não toma parte. Há aquela fração do ser que chamamos de mente, e que deveria ser usada somente para dirigir as ordens do eu superior, deixar que o eu superior se manifeste constantemente. No entanto, encontramos uma divisão entre a mente e o eu para chegar à personalidade, e dizemos que este vazio deve ser preenchido, e nos entregamos à meditação. A meditação é outra forma de falar, outra forma de tagarelar, porque buscamos a meditação como um substituto do verdadeiro silêncio, e isto não é possível, já que devemos partir do silêncio, viver em silêncio, embora estejamos falando, embora estejamos nos divertindo, para alcançar conseqüentemente um estado em que possamos estar constantemente dentro do coração, ainda que estejamos fora, algo

como o que Cristo dizia: “*Viver no mundo sem ser do mundo*”, fazer tudo o que fazem os demais. No entanto, há uma força interna que está separada de tudo isto, que nos leva adiante constantemente, que nos impulsiona com aquilo a que damos a oportunidade, esta oportunidade negada pelo próprio eu que está preso aos seus próprios veículos. Estes veículos são mantidos pelo elemental construtor, o qual deve ser mantido no silêncio, não pela disciplina, mas pelo silêncio místico do coração. Não se deve empregar a força, a espada, nada disso tem a ver com o esoterista. Sua força é outra, de outros níveis. É potente, pois é fogo criador, é aquele fogo que arde sem consumir. Consome o eu, consome todo o ser, leva-o para a frente, para a criação, pondo-o em contato com os mistérios cósmicos, em contato com a lei, e se dá conta de que tudo o que vem do Cosmo para nós é uma eterna sucessão de estados místicos de silêncio, até que chegam ao nosso coração. Uma vez compreendido e desenvolvido, tudo isso se compõe de um simples fazer e desfazer. Porém, internamente nada tem a ver com o mundo externo, é algo que vai se produzindo, é algo que vai amadurecendo, é a superação de todos os conflitos humanos. Se quiserem paz, se quiserem felicidade, se quiserem ser fraternos, e esta é a primeira lei do esoterista, devem praticar o silêncio. Tenho dito algumas vezes: mais vale o silêncio que as palavras, a menos que elas venham de um silêncio completo, porque então o silêncio e a palavra, como o espaço e o tempo, estarão tão equilibrados que teremos nos convertido em Mestres de Compaixão e Sabedoria.

Não vou mais falar desta maneira neste ou em qualquer grupo, a menos que seja necessário. Creio já ter dito tudo o que precisam saber para compreenderem que falo aqui porque me solicitaram, não porque eu tivesse necessidade. A tagarelice deixou de existir em meu coração faz tempo. Portanto, não insistirei neste tema. Tudo o que disse pode estar relacionado com a *serena expectativa*, tudo o que disse através do tempo é *serena expectativa*, para demonstrar que realmente procuro serená-los, tornando-os expectantes. Há muito tempo a história é uma coisa, e a realidade mística é outra. Por isto falo muito pouco do Cristo histórico, e me interesso mais pelo Cristo místico —o Cristo interno—, devido à acumulação de dados históricos aplicada a cada um dos escribas dos textos sagrados, as sagradas escrituras. Cada um viveu em épocas determinadas e não deram a nota típica que correspondia ao Cristo místico ou ao fato místico da história, limitando-se a emitir uma série de dados que depois se converteram em ancoragem para a mente dos fiéis. Aderiram ao Cristo histórico ou à ciência histórica, e se esqueceram do fundo místico. Através do tempo converteram as festas do Natal em festas onde só se pensa no que se vai comer, em quem se vai visitar, nos presentes, nestas coisas. Do ponto de vista esotérico isto não tem valor algum, é uma coisa muito pessoal, e cada um faz à sua maneira. Porém, refiro-me mais a que aquilo que fazemos hoje não é celebrar precisamente o Natal, mas uma reunião social com os amigos. Não creio que se celebre o Natal no ashram com árvores e presentes, pois é algo mais sério, uma coisa interna, mais mística. É preferível a coisa histórica pelo que tem de tradição, pelo que se diz nestas festas: invocar os corações dos homens e os anjos, não em virtude da data histórica, não em virtude da predisposição do povo a entrar em contato com outras pessoas para efetivar algo religioso. Não existe o lar, mesmo quando duas pessoas que estavam separadas se reúnem para trocar palavras afetuosas. Diz-se que os anjos estão mais próximos da humanidade nestas datas, não pelo fato histórico, mas sim porque há mais união nas

famílias.

Leonor. – Se aqui é o dia mais curto, no outro lado do hemisfério é o dia mais longo, por isso parece que o cristianismo, a montagem que se fez então, não foi somente para este lado, porque no outro lado muitas coisas não concordam. A semente é enterrada na Terra, quando o dia mais curto do ano está em Capricórnio, mas do outro lado não é igual. Não sei como os missionários impuseram este modo de pensar, pois, apesar de tudo, havia os descendentes das culturas maia, asteca e tolteca. Mais de uma verdade, uma verdade que é eterna, com outro nome. Acho que esta montagem judaico-cristã tem menos base ainda quando se fala dela para este lado do hemisfério.

Vicente. – O que ocorre em um hemisfério repercute no outro, porque o eixo da Terra está orientado para o norte. Esta condição não se altera dentro do período de um Kalpa, que é um período cíclico de 250.000 anos. Entretanto, o que interessa é por que se dá tanta importância ao norte geográfico: é ele que orienta o destino do Logos planetário para uma estrela. Não é somente a Estrela Polar, porque agora há um deslocamento do eixo da Terra em relação à Estrela Polar. O eixo da Terra está se reorientando para uma estrela mais elevada ainda, o que coincidirá com o final da 5ª Ronda, quando a maioria dos seres humanos forem iniciados, e uma grande parte dos Adeptos terão passado para uma Ronda superior, o que não será precisamente na Terra, a menos que venham aqui para trabalhar, para servir à Hierarquia. Isto é uma coisa que pertence ao segredo do sumário, como se costuma dizer. Mas o que realmente interessa é que tudo que tem a ver com os grandes Avatares costuma ocorrer no hemisfério norte. Nasce-se de uma virgem, é concebido em Capricórnio, e tem Virgem como Ascendente ou no Meio do Céu e, portanto, “nasce de uma virgem”, a Constelação de Virgem. Então, este significado costuma ser aplicado a todos os Deuses Sóis ou aos grandes Emissários do Cosmo que vieram sempre em épocas que coincidiram com grandes constelações e conjunções muito importantes. Geralmente, no entanto, tudo o que tem a ver com o hemisfério norte é importante do ponto de vista da evolução superior. Vemos assim o fenômeno de que em todos os países a parte sul é menos evoluída que a norte. Na Europa, por exemplo, a parte norte é, de certa forma, mais civilizada que o sul; na Itália, a parte de Nápoles não é igual à de Milão, é outro temperamento. É algo que, naturalmente, não se pode fixar como uma coisa concreta, mas que tem muita importância, por ser o hemisfério norte que corresponde, segundo analogias esotéricas, à coluna vertebral do Logos planetário. O eixo da Terra, o Kundalini, está no centro da Terra para cima, não para baixo, onde estão os centros inferiores do Logos planetário. Kundalini está no centro geográfico da Terra. É uma bola imensa de fogo criador, um talismã depositado pelo grande Arcanjo Brahma no período da criação da Terra. Portanto, é importante conhecer estes fatos para compreender o mecanismo do que chamamos de o Nascimento do Cristo no hemisfério norte, e não no hemisfério sul, onde tudo está invertido. Diz-se que quando o Sol vai para o norte costumam ocorrer certos acontecimentos, mas não se faz essa referência quando vai para o sul. Ele vai começar a subir, marchando para o norte. Não se percebe isto em toda sua intensidade, mas agora vai ascendendo até que em agosto alcance o zênite. Então, vai fazer mais calor porque seus raios chegarão perpendiculares, enquanto que agora chegam oblíquos, por isso faz mais frio. Em geral todas estas coisas, as mitologias, a história, a tradição, vêm sempre tingidas de

conveniências sociais, de conveniências políticas, principalmente religiosas. Cada uma se respalda em um fato histórico, e isto naturalmente, para os esoteristas, não importa muito, pois estamos buscando o norte, não o norte histórico, geográfico, mas o norte interno, o qual para nós é o centro Sahasrâra. Se traçarmos uma linha vertical do centro Muladhâra para cima, é um norte perfeito, sem parar muito nos centros inferiores. Esta é a importância que tem para nós a orientação do norte, e não sei se devo falar em demasia destas coisas, primeiramente porque se supõe que o discípulo esteja suficientemente treinado para compreender o porquê do mistério do norte, do norte geográfico, da flecha de Sagitário que nos indica o norte perfeitamente. Quando Sagitário estiver apontando para cima, cumprirá sua missão, a flecha irá diretamente para a estrela à qual faço referência, e o demais será, digamos, coisa de trânsito. Assim como acontece com os três raios maiores de aspecto e os quatro menores de atributo, os maiores apontam para o norte e os demais estão orientando para o sul. Estas são coisas que se dizem no ashram. Têm um significado tremendo, que é muito difícil de interpretar pelos meios atuais que conhecemos. Deve-se ter muito em conta que a intuição é a base do esoterista. Não se pode ser esotérico somente com a mente concreta, somente acumulando dados e esgrimindo dados contra dados para fazer triunfar uma certa ideologia. Isto seria falso por completo, mas temos que desenvolver esta parte de nós que está no coração, que é a intuição. A intuição nos conecta com as estrelas mais distantes, com o conhecimento que ainda não veio, que está ainda em fase de aquisição. A intuição capta pensamentos que pertencem a outra era, que são futuristas, e tudo isto traz como consequência que o discípulo saiba ensinar a não pensar, o que é o mais difícil. Habitualmente nas escolas nos ensinam a pensar. Mas, nas escolas esotéricas somos ensinados a não pensar, porque o pensamento não permite que se faça um vazio completo, não teríamos a intuição. A intuição é quando a mente se encontra sem nada, podendo encher-se com a glória divina, como se diz nos textos antigos, nos comentários esotéricos. Uma mente repleta de conhecimentos se baseia na história, nos dados históricos, e isto naturalmente traz como consequência uma grande acumulação e, claro, é uma grande riqueza de dados. Os ricos não podem “passar pelo fundo da agulha” porque é demasiado o que carregam, toda esta acumulação de dados, de desejos, pertences, de riquezas materiais. Naturalmente, isto não implica que deixemos a mente em branco ou que abandonemos a faculdade de pensar, nos desfaçamos dos dados porque não os necessitamos. Nos filmes que mostram uma travessia do deserto se vê que as pessoas vão andando e tudo pesa. Carregam só o que for estritamente necessário, livrando-se de tudo o mais. Quando subimos a montanha da liberação, até um pensamento pesa.

Leonor. – E a experiência? A soma de tudo o que se sabe, e se desmitificou tudo e só ficou a experiência, acho que isso também é bom e não ocupa lugar.

Vicente. – Exato, isto tem a ver. Uma experiência espiritual sempre traz como consequência um estado de *nada* dentro do instrumental da pessoa. O restante é sempre acrescentar dados e mais dados. Eu não sei se já tiveram a experiência de ficar sem nada na mente, com uma tremenda sensação de orfandade, porque quando alguém fica sem nada, automaticamente passa a buscar algo, agarrar-se a alguma coisa, porque teme que a ausência de pertences vá destruí-lo. E realmente quando se constrói é quando há carência.

Vocês talvez perguntarão: com que ser tenho então a nova forma de pensar? Então, pensamos angelicamente, pois os anjos não têm mente, têm apenas um sentimento criador infinito. Por isso nós poderemos intercambiar tudo quanto temos com eles, porque nós os ensinamos a pensar e eles nos ensinam a sentir. Os anjos sentem e os homens pensam. O desafio para os esoteristas é que os homens que pensam e os anjos que sentem constituam um só povo, o verdadeiro povo de Deus ao qual se faz referência nos textos antigos das religiões mais primitivas. Buscamos a união com algo, mas não sabemos o que estamos buscando. Trata-se do mundo angélico. Eu passei quase toda a minha vida tentando estabelecer este contato e ser fiel a ele, porque me dei conta de que o pensamento não bastava para isso, faltava um sentimento. O sentimento humano é tão carente de delicadeza, tem tão pouca consistência, que forçosamente temos que recorrer ao fator angélico para revestir o coração de sentimento. Quando começamos a pensar, pensar e pensar, criamos as guerras e tudo o que nos levou a todas as guerras. Uma criação vem sempre de uma ideia, mas a ideia sem energia que a sustente nunca fará nada, e os anjos são a energia que sustenta o pensamento. Quando pensamos, sem o gesto dos devas não seria consistente o pensamento, não poderíamos criar tudo isto, criaríamos umas coisas amorfas que desapareceriam em seguida. Portanto –e isto me interessa muito, porque estou falando bastante sobre magia– é um contato inteligente entre o homem e o anjo, porque o homem pensa e o anjo sente e constrói. Nós não podemos construir como os anjos. Eles podem construir qualquer coisa material e conhecem os elementos. Entretanto, para criar uma coisa material –e aí está o paradoxo– os anjos necessitam do concurso dos homens, porque os homens podem pensar com intensidade. À medida que diminui a intensidade do pensamento do homem aumenta o poder criador dos devas. Assim, se tivermos devas amigos, poderemos criar coisas também, criar algumas situações ambientais, criar boas situações no lar, no grupo, e até no grupo nacional também. Finalmente, digamos que no âmbito de todo o nosso planeta, e desta maneira vamos crescendo, vamos tratando de sair triunfantes desta grande prova da vida, desta vida que pode ser tão dura. No entanto, o que tem de bom no esoterismo é que te ensina a suportá-la, não porque exista uma recompensa, mas porque há uma fruição, há uma felicidade em fazer o bem, no bem pensar, e isto me parece que é necessário para chegar a não ter nada na mente, é necessário pensar bem primeiro.

Para chegar a ser um andrógino é preciso utilizar os recursos de homem e de mulher, e chegar ao fundo da experiência para não reclamar de ser homem ou mulher. Simplesmente agir como um ser humano, que é o que se necessita no ashram. É necessário ser nem homem nem mulher, e, no entanto, participar das duas essências ou das duas substâncias. Isto é o que é um Adepto, um andrógino, é uma coisa que naturalmente é uma prova. Para ser um andrógino deve-se construir o matrimônio perfeito, que não existe ainda nem nos lugares mais espirituais. Há uma corrente no ashram que desde há uns trinta ou quarenta anos faz com que encarnem discípulos em corpos de homens e de mulheres que, ao se unirem em matrimônio, demonstram o que deve ser o verdadeiro matrimônio no futuro: a união da Alma com o corpo, não somente dos corpos. No discípulo bem-amado é algo que não se pode dizer exatamente o que é quando se fala do amado, porque dá-se a ele uma consistência

objetiva e, realmente, o amado não é objetivo, é subjetivo. É criar homens e mulheres que possam cumprir seu dever social no matrimônio. No lar, no grupo e aqui pode haver relações humanas cordiais, porque não basta estarmos juntos aqui por um tempo, e depois cada um vai para casa com a experiência. Entretanto, se permanecêssemos juntos por uma ou duas semanas, veríamos que não reagiríamos da mesma forma, a comunidade fracassa por isto. Todas as comunidades espirituais que se reúnem a fim de abordar a vida de outra maneira fracassaram, porque sempre existirão os problemas entre uns e outros, porque depois surgirá a pergunta: “como vamos chegar a todos, e quem vai se encarregar das pessoas que não estão conosco?” O que vêm? Constantemente surgem disputas e discussões ásperas sobre qual o melhor modo de dirigir. É o que acontece quando se está em uma comunidade dedicada à oração, o que é falso também, porque tampouco vai solucionar. Seja um convento ou qualquer congregação religiosa, seja do tipo que for, de monges cristãos ou budistas. Alguma coisa falha, algo que é como se uma pessoa se retirasse da luta, não afrontasse a realidade. Estamos vendo, por exemplo, no Devachan, a série de monges e de monjas que estão lamentando todo o tempo que perderam nos conventos, nas congregações religiosas, porque vêm que estão falhando. O Mestre vive no coração daqueles que buscam a amizade, o contato, a relação, não necessariamente para orar, porque normalmente se ora para o grupo respectivo, cada um pede para a sua própria congregação, e não para a humanidade. Só quem vive em um ashram pode ver como a energia da congregação afeta, onde todos vivem para um e um para todos. Assim, tudo isto é interessante para aplicarmos no grupo. Tudo que estamos falando é para descobrir uma parte da verdade, levantar um pouco o “véu do templo” para ver o que surge, para ver o que podemos fazer para levar adiante todo este processo de uma maneira rítmica, adulta, realmente harmoniosa, sem sobressaltos, sem altos e baixos, e disto podemos falar dando tempo para poder vê-lo. Portanto, tudo isto deve ser levado em conta quando estivermos avaliando o que se pode fazer no grupo, ou quando estivermos no grupo, o que pode ser uma coisa que nos acontece com frequência.

Perguntamos: “Bem, por que estou no grupo, o que faço no grupo, e qual interesse tenho no grupo?” Quando se pergunta estas coisas é porque não há integração no grupo, porque estar juntos é serviço, porque estamos juntos para não pensar. E quando todo mundo está pensando, e pensando mal, porque quando há um oásis de pessoas que não estão pensando no bem, o vazio não é completo, não nos vem o vazio por completo. Vemos que não fazemos nada, vivemos do espetáculo, e isto é outra coisa que se deve ir deixando também pouco a pouco. Porém, de todas as maneiras, creio que avançamos todos, porque ocorreram coisas em nossa vida pessoal que nos fustigaram, foram como uma espora para um cavalo, que nos fizeram andar de uma ou outra maneira. Surgiram complicações, surgiram crises, e quando isto acontece é porque se avança. Quem não tem crises não avança, permanece parado no fundo do rio dos sentimentos. Nós nos adiantamos com as crises. Assim, quando tivermos crises não pensemos: “Ai, meu Deus! Que eu não tenha crises!”. Estejamos preparados, é uma resposta um pouco rude, mas, por outro lado, temos este grande contato interno. Já lhes disse algumas vezes que o Mestre está sempre conosco, com o grupo, e sempre que nos reunirmos estará conosco mesmo que não possamos vê-lo.

Quando se fala de coisas superiores, o Mestre está sempre presente. As pessoas devem amar, não a tranquilidade de espírito, não desejando ficar isento de preocupações, que tudo vá bem, que os negócios sigam “de vento em popa”, como se diz vulgarmente. Portanto, quando surge algo dizemos: “Meu Deus, que eu não passe por isto!” Por outro lado, quando nada acontece, é quando dizemos: Deus meu! Não se lembra de mim? Se não ocorrer uma crise, se não enfrentar dificuldades, não tem sentido.

Bem, vamos meditar um pouco. O interessante é que quando estivermos reunidos, visualizar quando estamos em meditação. Se o fizermos todos os dias, poderemos visualizar rapidamente. Muitos de vocês já fazem isso, cada um se senta em seu canto e ali está localizado para ser visualizado. Eu faço assim com vocês. Portanto, estou trabalhando em favor do grupo, vocês sempre pensam em mim e nos demais, eu também, porque assim está se criando uma força de grupo, é como um monolito interno que se vai criando progressivamente.

Um bom dia a todos! Teremos uma paz interna, vamos viver para esta paz. Todo mundo está aliado porque faz parte da equipe, também está aliado com o que estamos dizendo, com a serena expectativa, com a lei do grupo, e assim vamos avançando pouco a pouco.

(Entoa um mantra em catalão)

Que o Poder da Vida una
flua para todos os grupos de verdadeiros servidores do mundo.
Que o Amor da Alma una
caracterize a vida de todos aqueles que procuram ajudar os grandes Seres.
Que eu cumpra minha parte no trabalho uno
Através do autoesquecimento,
da inofensividade
e da correta palavra.

OM OM OM

(Entoa a Grande Invocação em catalão)

Desde o ponto de Luz na Mente de Deus
Que afluia Luz às mentes dos homens.
Que a Luz desça à Terra

Desde ponto de amor no Coração de Deus
Que afluia amor aos corações dos homens
Que o Cristo retorne à Terra

Desde o centro onde a Vontade de Deus é conhecida
Que o Propósito guie as pequenas vontades dos homens
O Propósito que os Mestres conhecem e servem.

Desde o Centro a que chamamos Raça dos homens
Que se cumpra o Plano de Amor e Luz
E que se sele a porta onde mora o mal

Que a Luz, o Amor e o Poder
restabeleçam o Plano na Terra

OM OM OM

(Entoa este mantra)

No centro da Vontade de Deus, eu permaneço.
Nada afastará minha vontade da Sua.
Eu implemento essa vontade com o amor.
Eu me dirijo para o campo de serviço.
Eu, o triângulo divino, cumpro essa vontade dentro do quadrado
e sirvo aos meus semelhantes.

OM OM OM

Um pensamento para os amigos que não puderam vir hoje, e que a paz do Mestre
esteja com todos.
